

## POEMAS JUBILEU GRAAL

Há uma palavra pessoa  
Uma palavra pregada ao silêncio de dizer-se como nunca fora ouvida  
E nela dizer-se posso existir.  
Só posso viver cabendo nela  
Habito-a  
Como Jonas o grande peixe.

Ela pronuncia-me  
Traz-me em viagem do nada para o silêncio – exemplifico-o com a luz  
De um homem que ressuscita – sustenta-me  
Como o jejum alimentando Nínive

Mas também posso ser um vaso para ela  
- um vaso não, outra coisa qualquer que não consigo  
Comparar às coisas da terra – um lugar tão verdadeiro  
Que mesmo a luz em suas praças, pátios e alpendres  
Só imprecisamente é capaz de assinalar

E como salva a cinza em Nínive espalhando-se  
Eu posso propagá-la  
E posso amá-la até me transformar.

Daniel Faria, *Poesia*

.....  
Este é o dia novo. Sei-o pelo desejo  
De o transformar. Este é o dia transformado  
Pelo modo como apoio este dia no chão.  
Coloco-o na posição humilde dos meus joelhos na terra  
Abro-o com os olhos que retiro de todas as coisas quando os fixo  
Na atenção.

E fico atento, fico deitado porque não sei crescer  
Num terreno que se levante.  
Cresço na clareira de um homem que é uma palavra  
Na sua túnica inteira  
Porque este é o sítio do dia sem horário

Sem divisões

E ponho-me de frente no seu lado,  
Nos seus braços abertos para me unir  
E entro pelo lado aberto e ardo – como Elias  
Em chamas subindo para o céu.

Daniel Faria, *Poesia*

.....  
Ponho sete vezes a terra sobre esta terra, sobre esta raiz afogada  
Para afundar-me no crescimento vegetal da noite pelos anos  
Espalhando a madrugada. Vencesse o negrume  
Como este caule. Musgo sem aurora, esta pequena nervura  
Que procuro na sobreposição dos solos. Também a fluência da água  
A sombra fresca da vinha em que me deito. Eu que também me embriago

No sangue

Planta tão aconchegada aos lábios – e desde sempre a derramar-se  
O verbo. Desejo o útero de tudo, tento  
Gerar  
Muito mais do que a oliveira fecunda. E nunca  
Por mim mesmo fecho a casa

Daniel Faria, *Poesia*

.....  
Os nomes jubilosos

Retomarás o canto  
O alvoroço das cítaras  
As Encantações  
Ténues ao atravessarmos  
Os campos

Retomarás o honroso posto de observador  
No jardim do príncipe  
Calcularás o vento pelo levantar do fogo  
O ouro dos frutos pelo desenho dos odores  
Saberás o enunciado dos fenos  
A idade exacta das folhas  
Os húmidos sinais que soletram a cor  
Arriscarás adivinhações  
Chegarás aos segredos guardados  
Da arte das curas  
E do presságio

Então pronunciarás os nomes  
Jubilosos

José Tolentino de Mendonça, *A noite abre meus olhos*  
.....

É só subir no ar,  
levantar da terra o corpo, os pés?  
Isso é que é voar?

Não.

Voar é libertar-me,  
é parar no espaço inconsistente,  
é ser livre, leve, independente,  
é ter a alma separada de toda a existência,  
é não viver senão em não-vivência.

E isso é voar?

Não.

Voar é humano,  
é transitório, momentâneo...  
Aquele que voa tem de pousar em algum lugar:  
isso é partir e não voltar.

Ana Hatherly